

ACESSIBILIDADE PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL NOS ESPETÁCULOS DO GRUPO DE DANÇA DIVERSUS¹

ACCESSIBILITY FOR PEOPLE WITH VISUAL IMPAIRMENTS IN THE DIVERSUS DANCE GROUP'S SHOWS

Vanessa Helena Santana Dalla Déa²
Marlini Dorneles de Lima³

Resumo

O acesso à cultura é um direito das pessoas com deficiência visual que muitas vezes se torna quase impossível por falta de acessibilidade comunicacional nos espetáculos de dança. O Grupo de Dança Diversus da Universidade Federal de Goiás atua desde 2017 com foco em uma dança que atenda todas as pessoas com e sem deficiência. Vem refletindo, discutindo e realizando ações para que a dança seja acessível para os bailarinos e para as pessoas que assistem seus espetáculos. Esse artigo tem como objetivo apresentar as estratégias acessíveis realizadas em três espetáculos de dança do grupo para a inclusão da pessoa com deficiência visual enquanto plateia. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, exploratória e descritiva documental que apresenta as estratégias acessíveis de três espetáculos do Grupo de Dança Diversus, sendo um presencial e dois vídeo-danças. Espera-se com esse artigo dar visibilidade para possibilidades, dificuldades e caminhos encontrados pelo Grupo na busca pela acessibilidade comunicacional. A dança inclusiva pode ser uma oportunidade das pessoas com deficiência visual, tanto bailarinos quanto público, repensarem e ampliarem a inclusão social, o direito à diversidade e a dignidade humana.

Palavras-chave: Dança, Acessibilidade; Deficiência visual

¹ Uma versão preliminar deste trabalho foi apresentada na data de 12 de setembro de 2024, no Grupo de Trabalho Estudos sobre Deficiências, Marcadores Sociais da Diferença e Experimentações Teórico-Metodológicas no evento 7º Simpósio Internacional da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás.

² Docente da Faculdade de Educação Física e Dança, do Mestrado em Ensino na Educação Básica, Mestrado em Educação Física e do Mestrado e Doutorado em Performances Culturais da Universidade Federal de Goiás. Possui graduação, mestrado e doutorado em Educação Física na Universidade Estadual de Campinas. Pós-doutora em Estudos Culturais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e em Performances Culturais pela Universidade Federal de Goiás, estudando formação docente para inclusão. Apresenta publicações nas áreas de educação inclusiva, formação docente para inclusão, acessibilidade cultural, síndrome de Down, envelhecimento, práticas aquáticas, dança, educação e educação física.

³ Docente da Universidade Federal de Goiás (UFG), dos cursos de Licenciatura em Dança e no Programa de Pós-graduação em Artes da Cena, doutora pela Universidade de Brasília (UnB), membro e pesquisadora do Núcleo de Pesquisa e Investigação Cênica Coletivo 22, e intérprete-criadora do Núcleo Coletivo 22. Capoeirista do Espaço Cultural Águas de Menino, vinculado ao Centro de Capoeira Angola Angoleiro Sim Sinhô. Diretora artística do Grupo de Dança Diversus, vinculado ao Laboratório de Práticas Inclusivas PRAMIGO.

Abstract

Access to culture is a right of people with visual impairment that often becomes impossible due to lack of communicational accessibility in dance shows. The Diversus Dance Group of the Federal University of Goiás has been operating since 2017 with a focus on a dance that serves all people with and without disabilities. She has been reflecting, discussing and carrying out actions so that dance is accessible to dancers and to the people who watch her shows. This article aims to present the accessible strategies carried out in three dance performances of the group for the inclusion of visually impaired people as an audience. This is a qualitative, exploratory and descriptive documentary research that presents the accessible strategies of three shows of the Diversus Dance Group, one in person and two video-dances. It is hoped that this article will give visibility to the possibilities, difficulties and paths found by the Group in the search for communicational accessibility. Inclusive dance can be an opportunity for people with visual impairments, both dancers and the public, to rethink and expand social inclusion, the right to diversity and human dignity.

Keywords: Dance, Accessibility; Visual impairment.

INTRODUÇÃO

Segundo a Lei Brasileira de Inclusão “A pessoa com deficiência tem direito à cultura ... em igualdade de oportunidades com as demais pessoas, sendo-lhe garantido o acesso... a bens culturais em formato acessível” (BRASIL, 2015). O acesso à cultura é um direito de todas as pessoas, é direito das pessoas com deficiência e não pode ser negado para pessoa com deficiência visual.

No entanto, para que o acesso exista para as pessoas com deficiência, é preciso que se tenha acessibilidade tornando possível a fruição, compor meio de acessibilidade arquitetônica, comunicacional e atitudinal.

Em Goiás, como em todo Brasil, cada vez mais, os editais de cultura e arte tem exigido que a arte tenha acessibilidade. Um exemplo é o Fundo de Arte e Cultura de Goiás que diz:

8.1 O Fundo de Arte e Cultura assegura e promove, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência (PcD) e de pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos. Tal postura visa o acesso ao bem cultural, social e à cidadania, com base nas Leis n°s 13.146/2015 e 10.741/2003 (Estatuto do Idoso).

O Fundo de Arte e Cultura de Goiás oferece editais de financiamento de ações formativas, artes visuais, artesanato, audiovisual, circo, cultura digital e jogos, festivais e eventos, hip-hop, literatura, museus, arquivos e bibliotecas, música, patrimônio matérias e imaterial, pontos de

cultura, teatro e dança, e tem o item oito que é específico sobre acessibilidade. São 16 editais, incluindo o chamado “Meu primeiro edital”, que todos preveem que:

É obrigatório contemplar, na descrição e na planilha orçamentária do projeto, de acordo com a proposta e demanda do projeto, o uso de meios e estruturas físicas acessíveis às pessoas idosas, com mobilidade reduzida ou com deficiência, em suas múltiplas especificidades, seja auditiva, visual, motora ou intelectual. A proposta que não cumprir este requisito será inabilitada (GOIÁS, 2023, P.06).

Como a maioria dos grupos de artes e cultura em Goiás sobrevivem com Editais, a corrida por atender as exigências dos editais é nítida. Mas sem informações e sem a participação das pessoas com deficiência nesse processo, esses grupos buscam atender o mínimo de ações de acessibilidade para ganhar o financiamento, mas quase sempre a formação, produtos, espetáculos e ações culturais estão longe de oferecer para a pessoa com deficiência a cultura “em igualdade de oportunidades com as demais pessoas” (BRASIL, 2015).

Nos espetáculos de dança temos presenciado a inserção de intérpretes de Libras após o espetáculo estar pronto, na última hora, sendo colocado fora do palco, em um foco de luz, totalmente desconectado do contexto do espetáculo. Recentemente, por meio de uma iniciativa do Centro Brasileiro de Reabilitação e Apoio ao Deficiente Visual e da Universidade Federal de Goiás, todos os grandes teatros da cidade de Goiânia receberam cabines de audiodescrição totalmente equipadas.

Dessa forma, além da interpretação em Libras, a audiodescrição tem sido vista, ainda de forma tímida, em alguns espetáculos de dança na cidade. Mas da mesma forma que a interpretação de Libras, tem acontecido de forma tardia, descontextualizada e não garantindo a mesma oportunidade de fruição que é dada para as pessoas sem deficiência visual.

O Grupo de Dança Diversus, da Universidade Federal de Goiás, atua desde 2017, desde seu nascimento busca oferecer uma dança que atenda à todas as pessoas, com diferentes eficiências, idades, gêneros, religiões, tamanhos, cores, experiência em dança e toda diversidade humana. Tendo uma atenção especial em atender as demandas específicas das pessoas com deficiência, tanto enquanto artista, quanto enquanto plateia.

No entanto, as estratégias de acessibilidade descontextualizadas, realizadas na última hora e sem a participação das pessoas com deficiência no processo de construção dos espetáculos, não nos interessa. Pois temos entendido que apenas mudando essas questões teremos mais igualdade de acesso e essas pessoas poderão usufruir da poética dos espetáculos de maneira mais harmônica, respeitosa e de direito, como a que é oferecida para as pessoas sem deficiência. Com intuito de

apresentar uma proposta de ação diferente esse artigo apresenta o trabalho realizado no Grupo de Dança Diversus para acessibilidade comunicacional para pessoas com deficiência visual e cegas.

MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, exploratória, descritiva e participativa, concretizada nesse artigo como um relato de experiência descrito pela diretora geral e pela diretora de acessibilidade do Grupo de Dança Diversus.

Esse artigo tem como objetivo apresentar as estratégias acessíveis realizadas em três espetáculos de dança do grupo para a inclusão da pessoa com deficiência visual como plateia, sendo um presencial e dois vídeo-danças.

O primeiro espetáculo a ser analisado, que foi realizado em 2018, se chamou “Endless”, o segundo espetáculo apresentado e vídeo-dança foi o “Transbordar” de 2020, também como vídeo-dança o terceiro espetáculo se chamou “Cartas ao Tempo” de 2022.

O GRUPO DE DANÇA DIVERSUS

Há quatorze mil anos atrás já havia registros de movimentos corporais expressivos, assim a Dança é uma das atividades artísticas mais antigas (MAGALHÃES, 2005). No entanto, a dança para pessoas com deficiência começou a ser estudada apenas na década de 80 e tem despertado o interesse de pesquisadores, graças aos muitos benefícios que pode proporcionar para as pessoas com deficiência (ROSSI-ANDRION; MUNSTER, 2021).

Como outras práticas da cultura corporal e manifestações hegemônicas, a dança, vêm se apresentando como uma forma excludente, onde ainda prevalece o modelo pedagógico repetitivo e diretivo (BALDI; OLIVEIRA; PATIAS, 2019), com ênfase no repertório, valorizando o corpo com padrão europeu (BALDI; MARQUES; NASCIMENTO, 2019).

O Grupo de Dança Diversus vem buscando modificar essa realidade com práticas pedagógicas e espetáculos para todas as pessoas que incluam acessibilidade:

propomos apontar algumas questões inspiradas no pensamento da decolonialidade da dança, encontrar formas outras de vivenciar a dança e mudar as relações de poder constituídas no modo de se fazer dança (DALLA DÉA et al, 2023, p. 01).

O Diversus surge de um projeto de extensão que teve como objetivo incluir pessoas com deficiência nos projetos de extensão da Universidade Federal de Goiás (DALLA DÉA et al, 2013). No entanto, o Diversus não se trata de um projeto apenas para pessoas com deficiência, mas que inclui pessoas com diversas características de eficiência, idade, gênero, raça, e outras muitas diferenças humanas, o Grupo tem práticas pedagógicas pautadas no Desenho Universal da Aprendizagem e da Escuta Sensível (DALLA DÉA; LIMA; CURADO, 2023).

Fig 01 – Grupo de Dança Diversu em aula.



Fonte: Dalla Déa et al, 2023.

Ter no Grupo de Dança pessoas com diferentes características como artistas é uma forma de confrontar a dança convencional e hegemônica. Sendo que “nos nossos trabalhos, não abandonamos, e sim buscamos a qualidade, beleza e performance do movimento”. Nas criações do Grupo de Dança Diversus acredita-se “em outras formas de se movimentar, tão bonita, performática e qualitativa quanto as apresentadas na dança colonial” (DALLA DÉA et al, 2023, p. 01).

Trata-se de um grupo que encontra, na diferença, uma dança de corpos diversos que contesta, frente aos processos de invisibilização, preconceito e capacitismo no campo das artes e em outras esferas da vida. Esses processos também são formas de violência colonial, nas quais os olhares atentos do pensamento decolonial devem e precisam se debruçar, para além das categorias como raça, gênero e localização geopolítica (LIMA; DALLA DÉA; SANTOS; OLIVEIRA, 2022, p.67).

Com tanta diversidade nas aulas, ensaios e espetáculos no palco, considerar a acessibilidade para quem assiste os espetáculos com sensibilidade aguçada se tornou natural.

Buscamos, também, por meio das nossas produções artísticas, estudar a acessibilidade cultural presente nos processos criativos e desvelada no que compreendemos como poéticas acessíveis. Nos processos de formação artística, entendemos a acessibilidade para além das normas de ajudas técnicas, mas como valor social e possibilidade de aproximação do desenho universal na cultura (DALLA DÉA et al, 2023, p. 01).

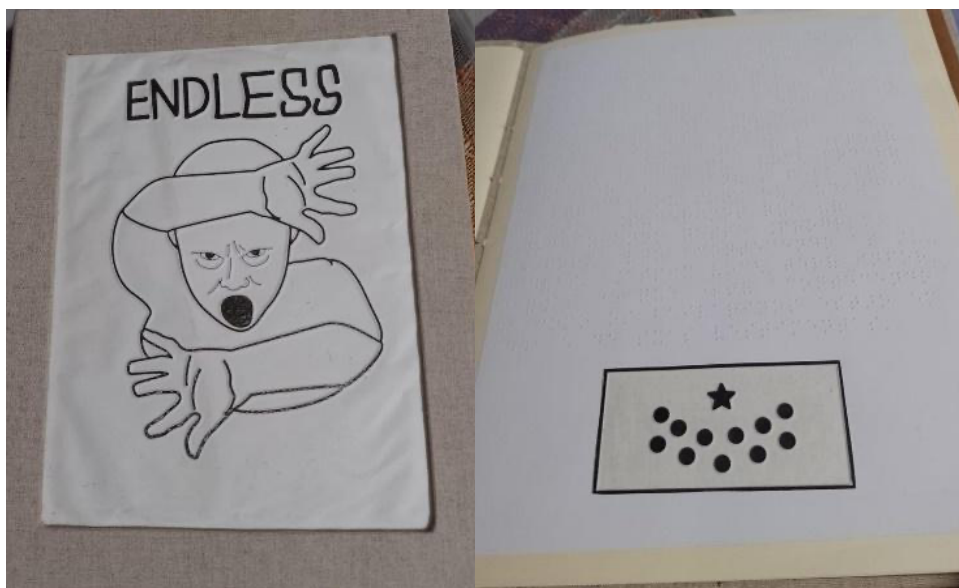
A acessibilidade para o público em geral, para as pessoas com deficiências diversas e para as pessoas com deficiência visual e cegueira, vem sendo experimentada no grupo com “poéticas acessíveis”. A acessibilidade no Diversus foi se modificando para ficar cada vez mais integrada à poética dos espetáculos, sem perder a qualidade de acessibilidade com técnicas específicas e com a participação cada vez maior das pessoas com deficiência nas consultorias.

O ESPETÁCULO ENDLESS

Em 2018 o Grupo de Dança estreou na cidade de Goiânia a adaptação do espetáculo Endless, que é um repertório do Grupo de Dança Dançando com a Diferença de Portugal e tem como direção Henrique Amoedo. O Endless traz para o palco o holocausto e o horror que as pessoas viveram naquela época, e a preparação do elenco foi uma verdadeira educação para direitos humanos (DALLA DÉA; LIMA; BARRAL; FERREIRA, 2021).

No espetáculo em Goiânia, a diretora geral e diretora de acessibilidade do Diversus, propuseram algumas práticas de acessibilidade que não tinham ainda sido incorporadas ao espetáculo em suas apresentações em Portugal. Além da audiodescrição realizada com cabine e equipamentos de transmissão, nesse espetáculo foi experimentado um livro acessível.

Figura 1 e 2 - Livro acessível tátil



Autor: Vanessa Dalla Déa.

Nas imagens 1 e 2 trazemos a foto do livro acessível que descrevo a seguir.

O livro acessível tem uma capa feita com tecido de algodão puro bege, que foi o mesmo tecido com qual foi produzido os figurinos dos artistas que estavam no palco. Esse dado foi apresentado para as pessoas com deficiência visual que receberam o livro, assim como a informação de que ainda na capa dura tem uma imagem em alto relevo de uma mulher com síndrome de Down, sem cabelo, com um antebraço à frende da testa, e outro braço com antebraço à frende do peito, ambos com mãos bem abertas. Está ainda com boca bem aberta e fisionomia de desespero.

Na parte de dentro do livro, na figura 02, temos em Braille algumas informações sobre o espetáculo, dizendo que se trata de um espetáculo que versa sobre o holocausto, onde milhões de pessoas foram mortas e muitas delas tinha deficiência. Fala de cada uma das cenas e após descrever a cena apresenta uma representação em alto relevo retângulo do palco com marcações de cada um dos artistas naquela cena, apresentando a localização dos artistas no palco.

Nesse mesmo espetáculo, também tivemos a Língua Brasileira de Sinais em diferentes momentos e apresentada de diversas formas como: pelos artistas no palco durante a dança, em projeção em tela transparente à frente da cena e na dança (DALLA DÉA et al, 2023).

O ESPETÁCULO TRANSBORDAR

A experiência do Grupo de Dança de fazer uma vídeo-dança vem da necessidade surgida a partir da realidade da pandemia da Covid-19, onde as aulas e ensaios foram realizadas sem interrupções em plataforma online.

O espetáculo “TransBordar” teve como objetivo explorar, em sua concepção cênica, justamente as cartografias de corpos dançantes, singulares, atuais, por vezes excluídos e, neste momento, isolados por uma situação pandêmica nunca vista em nossos tempos. O mote propulsor de criação pauta-se no verbo, num fazer, num transpor as bordas, desviar-se dos limites, invadir e ou alargar as margens. Reporta, ainda, à ideia de transbordar histórias de vida e marcadores sociais que, ao se encontrarem no palco, compartilham interseccionalidades, sejam elas raciais, étnicas, de gênero e de pessoas com deficiência (DALLA DÉA et al, 2023, p.30).

O espetáculo teve a participação do Grupo Diversus e do Grupo de Dança Dançando com a Diferença de Portugal, assim parte foi gravado no Brasil e parte em Portugal.

O espetáculo na íntegra que se encontra no canal do Fundo Nacional de Artes (Funarte) no link <https://www.youtube.com/watch?v=IyNgLLQWsYQ&t=2201s> e possui audiodescrição aberta em todo o vídeo-dança.

Para criação do roteiro da audiodescrição do Transbordar houve um intenso estudo, buscando um equilíbrio entre uma descrição técnica da cena e dos movimentos da dança e da intencionalidade poética dos movimentos e no contexto da cena.

Outra estratégia para tornar a audiodescrição mais incorporada de poética e contexto foi que, além da narração foi feita por um audiodescritor, uma das cenas foi descrita pela artista bailarina, esta cena está no minuto 24:38 do vídeo.

Importante dizer que o audiodescritor que não esteve em cena interpretando no espetáculo, acompanhou todo o processo de criação e filmagem do espetáculo incorporando na sua descrição elementos de intensidade, poéticos e contextuais à sua descrição. E que todo processo foi realizado em conjunto com uma consultora de audiodescrição cega.

Outra experiência vivenciada nesse espetáculo foi uma cena que se inicia no minuto 48 do vídeo em que as bailarinas só existem na audiodescrição e na Libras, enquanto áudio-descreve as pessoas sem deficiência visual só enxergam os movimentos do intérprete de Libras, mas assistem à movimentação das bailarinas imaginárias pela audiodescrição da mesma forma que as pessoas com deficiência visual.

O ESPETÁCULO CARTAS AO TEMPO

O espetáculo “Cartas ao Tempo” de 2022, foi feito ainda em pandemia com máscaras, mas nesse momento já permitindo mais contatos sociais possibilitando a filmagem do Espetáculo em grupo, mas garantindo distância entre as pessoas e privilegiando espaços abertos como parque. “Cartas ao tempo vêm da ânsia do hoje, mas também do desejo de nossos ancestrais de falar sobre quem faz, habita e dá sentido ao tempo... e sobretudo da magnífica experiência de entrar em sintonia com o tempo do “Outro”” (Dalla Déa et al, 2023, p.35).

Sua filmagem foi iniciada na comunidade Tapuia em Goiás, teve parte em um parque ao ar livre em Goiânia e cenas com grupos menores no palco dentro do teatro. O espetáculo está disponível no link <https://www.youtube.com/watch?v=JJ-7CmFCUsQ&t=1240s>.

Nesse momento o Grupo de Dança Diversus e sua equipe de acessibilidade composta por profissionais e consultores já tinha a experiência dos espetáculos anteriores, aqui descritos, e do feedback de pessoas com deficiência e com outras especificidades que assistiram os espetáculos. Todas essas informações vão se somando para o trabalho seguinte.

Nesse espetáculo para esse artigo gostaríamos de destacar a audiodescrição realizada no parque com mães e filhos sem e com deficiência. que acontece no minuto 9:30. No início dessa cena é dado ênfase na audiodescrição mais técnica, que descreveu o espaço e os movimentos dançantes realizados pelas mulheres nas árvores. Quando as mulheres mães se afastam das árvores e dançam livremente no parque na audiodescrição foi dado ênfase no significado e poética dos movimentos considerando-se o contexto do espetáculo e da cena.

Outra cena que inovou na audiodescrição foi a cena gravada no teatro, áudio-descrito pela diretora da cena que também dança, alternando com o audiodescritor, onde ela descreve movimentos por meio dos significados e ele descreve posição dos bailarinos em cena. Ela inclui em sua descrição sons que imitam pessoas comendo com barulhos dando mais intensidade à cena.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arte acessível é um direito da pessoa com deficiência visual e cega previsto na legislação, no entanto não temos definidas normas de acessibilidade que deem conta da poética, subjetividade e magia da arte e da dança. Descrever movimentos executados nem sempre permite que pessoas com deficiência visual possa usufruir de um espetáculo como as demais pessoas.

Em um espetáculo de dança são muitos elementos a serem áudio-descritos como movimentos realizados, luz, cenário, figurino, posição dos bailarinos no palco, entre outros e a escolha do que será descrito e de outros elementos acessíveis no Grupo de Dança Diversus tem sido realizado com a participação de consultores cegos em conjunto com a direção geral e direção de acessibilidade do grupo.

Para preparação do espetáculo a acessibilidade para os artistas também é efetivada considerando-se que se trata de um grupo diverso que tem como participantes pessoas com as diferentes deficiências.

Como se pode verificar nos espetáculos apresentados nesse artigo, as estratégias de acessibilidade para o público com deficiência visual e cego mudam e a ideia é que se tornem cada vez mais poética e inerte no contexto do espetáculo, sem deixar de atender as normas de acessibilidade previstas na legislação.

Espera-se com esse artigo apresentar possibilidades, dificuldades e caminhos encontrados pelo Grupo na busca pela acessibilidade comunicacional nos espetáculos de dança. A dança inclusiva pode ser uma oportunidade das pessoas com deficiência visual, tanto bailarinos quanto público, repensarem e ampliarem a inclusão social, o direito à diversidade e a dignidade humana.

Busca-se também uma discussão ampliada sobre a importância e o direito à arte enquanto possibilidade de informação, formação e ampliação dos Direitos Humanos.

REFERÊNCIAS

SECULT, Edital de Licitação/Modalidade Concurso Fomento à Dança 7/2023 – Fundo Cultural, Estado de Goiás, **Secretaria de Estado da Cultura**, Goiás, 2023. Disponível em <https://goias.gov.br/cultura/wp-content/uploads/sites/25/2022/09/Edital7Danca-92f.pdf>.

BALDI, Neilla; MARQUES, Thais; NASCIMENTO, Djenifer. Meia-volta na ciranda: reflexões sobre decolonialidade na Dança. **Interritórios Rev Educ**, Univ Fed Pernambuco. 2019;5(8), Disponível em <https://periodicos.ufpe.br/revistas/interritorios/article/view/241594>.

BALDI, Neilla; OLIVEIRA, Julia Urach; PATIAS, Izabela Teixeira. Procedimentos artístico-pedagógicos em Dança a partir da decolonialidade e da autobiografia. **Rev FUNDARTE**.

2019;19(37):127:139, Disponível em
<https://seer.fundarte.rs.gov.br/RevistadaFundarte/article/view/636>.

DALLA DÉA, Vanessa; LIMA, Marlíni; SANT'ANNA, Adriana; SANTOS, Rosirene.
Diversus: dança, diversidade, educação e acessibilidade. Ebook. Goiânia: CIAR UFG,
2023, Disponível em
https://publica.ciar.ufg.br/ebooks/colecao_inclusao/livros/9/index.html.

DALLA DÉA, Vanessa; CUNHA, Maycon; NASCIMENTO, Oromar; LIMA, Amanda; LIMA
Marlíni. Inclusão de pessoas com deficiência nos projetos de extensão de práticas corporais da
Universidade Federal de Goiás. *Revista Pensar Prática*. 2013;16(4):9561270. Disponível em
<https://revistas.ufg.br/fef/article/view/20237>.

DALLA DÉA, Vanessa; LIMA, Marlíni; CURADO, Renata. Grupo de Dança Diversus: por uma
pedagogia dançante pautada na escuta sensível e acessível. *Revista da Associação Brasileira de
Atividade Motora Adaptada*, Marília, v.24, n.2, p. 298-309, 2023. Disponível em
[https://cev.org.br/biblioteca/grupo-de-danca-diversus-por-uma-pedagogia-dancante-pautada-
na-escuta-sensivel-e-acessivel/](https://cev.org.br/biblioteca/grupo-de-danca-diversus-por-uma-pedagogia-dancante-pautada-na-escuta-sensivel-e-acessivel/).

DALLA DÉA, Vanessa; LIMA, Marline; BARRAL, José Henrique; FERREIRA, Julia. Dança
como possibilidade de educação para Direitos Humanos: entendendo, discutindo e encenando o
Holocausto. *Rev Bras Educ Fís Esporte*, (São Paulo) Jul-Set;35(3):89-97, 2021. Disponível em
<https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/194553>.

LIMA, Marlíni; DALLA DÉA, Vanessa; SANTOS, Rosirene.; OLIVEIRA, Adriana.
Experiências em dança que transbordam: ações, criações e afirmações poéticas de corpos diversos.
Revista TXAI - Programa de Pós-Graduação em de Artes Cênicas - Ufac - v. 1, n. 2. Jan-Jun,
2022. Disponível em <https://periodicos.ufac.br/index.php/txai/issue/view/265>